



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MARIA: A ESCRIVÊNCIA DO CORPO NEGRO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

MARIA VITÓRIA LOPES

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

MARIA VITÓRIA LOPES

MARIA: A ESCRIVÊNCIA DO CORPO NEGRO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Me. Fábio Pereira Figueiredo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L864m Lopes, Maria Vitoria.
Maria: a escrevivência do corpo negro em Conceição Evaristo. [manuscrito] / Maria Vitoria Lopes. - 2023.
25 p.

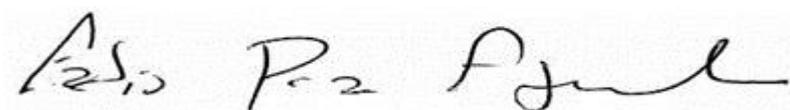
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.
"Orientação : Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo , Departamento de Letras - CH."
1. Literatura feminina. 2. Literatura afro-brasileira. 3. Violência urbana. 4. Preconceito racial. I. Título
21. ed. CDD 801.95

MARIA VITÓRIA LOPES

MARIA: A ESCRIVÊNCIA DO CORPO NEGRO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

Aprovada em: 28/06/2023

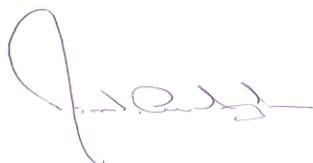
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Fábio Pereira Figueiredo – UEPB/CAMPUS IV
(Orientador)



Prof. Dr. Evandro Franklin de Mesquita
(Examinador)



Prof. Me. Rômulo Lima
(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter sido meu melhor amigo durante toda a minha vida. Principalmente durante esses anos de faculdade, pois se não fosse ele, eu não estaria hoje aqui. A minha fé em Deus me fez entender que sair do programado pode ser a melhor coisa que te aconteça.

É por este motivo que agradeço a minha mãe Maria José, meu pai Silvano e ao meu irmão Marcus Vinicius que sonharam comigo este dia e fizeram de tudo para a realização deste sonho.

Agradeço ao meu esposo Alan Dutra, e aos meus filhos José Pedro e Maria Eloísa que são o meu pilar, as pessoas que me despertam o desejo de sempre buscar o melhor para a nossa vida. Que me dão forças todos os dias e tornam esse mundo feliz e melhor para mim.

Assim como também ao meu melhor amigo Cícero Lindemberg, minha sogra Ana Maria, minha cunhada Raquel Dutra e as minhas vizinhas Edilma, Karol e Andreza que foram rede de apoio com os meus filhos para a construção desse trabalho.

Sou grata a minha mãe Maria das Graças, meus irmãos Raiane Lopes, Ronaldo e Davi juntamente com o meu pai Sebastião Dantas, que estiveram sempre na torcida da minha formação.

Ademais, não poderia também deixar de citar as pessoas que fizeram caminhada comigo durante a faculdade e hoje fazem parte dos meus melhores amigos e posso assim dizer, minha família. Caíque Gouveia, Jéssica Laisa, Orlando Neto, Natália Lara, Diogo Maia, Clara Santiago, Thayná Priscila, Rhaislla Cavalcante, Ivana Cavalcante, Roberta Sousa, Tuane, Alice e Rawana.

Dedico este agradecimento em especial para a minha amiga e comadre Ana Patrícia dos Santos Viana que bem antes das inscrições para as vagas do curso caminha comigo em busca da realização dos nossos sonhos. Ela que foi a pessoa que mais me incentivou a continuação e a conclusão deste curso, que foi mãe também durante este tempo e hoje está aqui concluindo comigo. Ela que se fez forte e me passou forças não somente no mundo acadêmico, mas na minha vida íntima. Que ela saiba que este é apenas o começo de uma vida cheia de realizações e conquistas. Sou grata a Deus por estar com ela desde a inscrição até a formação.

Tenho gratidão as minhas três amigas e comadres Ianny Aparecida, Joyce Lira e Mikaella Costa que vibram comigo todas as minhas conquistas pessoais e profissionais.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao corpo de servidores da UEPB, em especial ao meu querido orientador Fábio Figueiredo a quem tenho uma grande admiração e carinho, aos professores de letras Rômulo Lima, Helber, Marta Lúcia e Eliene. Aos funcionários Irmão Neto, Sandra, a equipe do RU e aos professores de Agronomia Evandro e Aucides.

*A vida oferece a matéria para a minha escritura.
Quando me retiro para escrever, saiba que já colhi
tudo lá fora e guardei aqui dentro, no coração*
– Conceição Evaristo.

RESUMO

Apresenta-se nos últimos anos, dentro da literatura afro-brasileira, um termo socio-literário referenciado às obras de Conceição Evaristo, o conceito de “escrevivência”. Proposto pela escritora como uma estratégia para os sujeitos subalternizados serem ouvidos através do processo de “escrever vivências”, identifica-se nesta produção um conjunto de temáticas sociais acerca da marginalização que perpassa a vivência dos personagens. Nesse contexto, a partir do conto “Maria” de Conceição Evaristo, buscamos compreender a violência urbana e o preconceito racial que são denunciados por meio da existência de uma voz negra. Desse modo, identifica-se os traços abordados pela escrevivência, pontua estudos sobre o racismo estrutural e a condição estática do negro, bem como realiza-se uma leitura interpretativa de Maria como símbolo para o ciclo de violências. Para aportar tal estudo, demonstra-se uma pesquisa bibliográfica e analítica às teorias de Conceição (1990), Djamila Ribeiro (2019) e Silvio Almeida (2018) para um entendimento sobre as raízes do preconceito e da violência urbana, assim como Dalcastagnè (2012) e Duarte (2014) para uma visão direta a literatura negra brasileira. Pressupõe-se uma linha crítica da personagem Maria com a representação da mulher afro-brasileira no contexto de violência e preconceito nacional.

Palavras – chave: Literatura feminina. Literatura afro-brasileira. Violência Urbana. Preconceito Racial.

ABSTRACT

In recent years, within Afro-Brazilian literature, a socio-literary term has been introduced, referring to the works of Conceição Evaristo, the concept of “escrevivência”. Proposed by the writer as a strategy for subaltern subjects to be heard through the process of “writing experiences”, a set of social themes about the marginalization that permeates the characters' experience is identified in this production. In this context, based on the short story “Maria” by Conceição Evaristo, we seek to understand urban violence and racial prejudice that are denounced through the existence of a black voice. In this way, the traits addressed by writing are identified, studies on structural racism and the static condition of black people are highlighted, as well as an interpretative reading of Maria as a symbol for the cycle of violence. To support such a study, a bibliographical and analytical research on the theories of Conceição (1990), Djamila Ribeiro (2019) and Silvio Almeida (2018) is demonstrated for an understanding of the roots of prejudice and urban violence, as well as Dalcastagnè (2012) and Duarte (2014) for a direct view of black Brazilian literature. It presupposes a critical line of the character Maria with the representation of the Afro-Brazilian woman in the context of violence and national prejudice.

Keywords: Women's Literature. Afro-Brazilian Literature. Urban violence. Racial prejudice

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. ESCRIVÊNCIA: O MÉTODO DE CONCEIÇÃO EVARISTO PARA EXISTÊNCIA DA VOZ NEGRA	12
3. A CONDIÇÃO ESTÁTICA DO CORPO NEGRO NA VIOLENCIA URBANA	16
3.1. <i>O retrato violento do negro.....</i>	18
4. MARIA: UMA METÁFORA AO CICLO DE VIOLÊNCIA QUE PERPASSA O CORPO NEGRO	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6 REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Em 1995, no Seminário Mulher e Literatura, Conceição Evaristo introduziu o termo “escrevivência” como um jogo de vocabulário fundamentado no conceito de “Mãe Preta”. Este neologismo, consiste na produção escrita pela mulher afro-brasileira que compartilha o conhecimento de diferentes narrativas provindas dos seus ancestrais com o propósito de encantar as crianças, bem como para denunciar, com suas memórias, um passado colonial difundido no presente. Nesse sentido, Conceição direciona que a partir dos textos escritos por “vozes autorais”, de forma poética e ficcional, seja produzida na literatura e sociedade brasileira um testemunho das experiências da negra.

A emancipação desta voz projeta-se como uma espiral na literatura de contraste aos discursos hegemônicos enraizados e, por vezes, canonizados. Trazendo uma narração em primeira pessoa, o livro *Olhos d’água* (2018) de Conceição Evaristo, segundo volume de narrativas curtas e vencedor do prêmio Jabuti na categoria “Contos e crônicas”, é um exemplo a esse método de escrita, trazendo diferentes personagens e histórias que abordem a representatividade da mulher negra.

Assim, nesta pesquisa verifica-se um dos contos presentes nos *Cadernos Negros* e incluído na coletânea *Olhos d’água*. O conto “Maria” (2018), escrito por Conceição Evaristo, traz a história de uma empregada doméstica que ao sair do trabalho em direção a sua casa entra em um transporte público. No entanto, a personagem ao sair deste transporte, sai morta por assassinato ao reconhecer o assaltante que invade o transporte, pai do seu filho. Como Maria havia entrado no ônibus com uma sacola de comida, único bem precioso a ser roubado, e o homem/assaltante/pai/ex-marido decide não levar a comida que ela possuía, esta torna-se vítima da violência e desordem a qual domina o ambiente público urbano. Nesse aspecto, é relevante a pobreza e a violência “por destino” de diversas “Marias” brasileiras.

Por conseguinte, para uma leitura crítica a este conto, o trabalho divide-se em três capítulos. O primeiro aborda o método de escrita proposto por Evaristo para introduzir na literatura feminina um plano de resistência e autonomia, dessa maneira,

trabalha-se o conjunto de argumentos em *Vozes mulheres* (1990) de Evaristo, bem como *O que é lugar de fala* (2019) da socióloga, também brasileira, Djamila Ribeiro. Ademais, no segundo capítulo, aborda-se uma perspectiva contextual acerca dos instrumentos de poder colonial na formação e manutenção de um racismo estrutural que ocupa o corpo negro, trata-se da tese de Silvio Almeida (2018) em *Racismo Estrutural* e Fanon (1968) com *Pele Negra e Mascaras Brancas* (2008) e *Os condenados da terra* (1968) Posteriormente, em análise do conto envolvendo teorias, é apresentada ideias de Dalcastagnè (2010), *Imagens da mulher na narrativa brasileira* e de Duarte (2014) com o texto: *Marcas da violência no corpo literário de Conceição Evaristo*.

Considera-se a relevância da obra e do estudo apresentado para compreender o lugar de pertencimento identitário da literatura feminina negra no Brasil. À exemplo, Conceição Evaristo reconhece em sua escrita a antecedência de Carolina Maria de Jesus para assumir um lugar antes destinado apenas ao privilégio da elite, a escritora agora deve assumir o poder simbólico da mulher afro– Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado (EVARISTO, 2010).

Outrossim, Maria é uma retratação ao trauma do racismo e do afastamento da mulher negra na sociedade. O ladrão do conto ser provindo da favela e ex relação amorosa de Maria passa um teor de “naturalização” do negro nesta posição, bem como a morte de Maria é uma consequência quase esperada pela subjetividade destinada ao afrodescendente na violência urbana.

2. ESCRIVÊNCIA: O MÉTODO DE CONCEIÇÃO EVARISTO PARA EXISTÊNCIA DA VOZ NEGRA

O principal objetivo deste capítulo é debater o conceito de “escrivência” fundado por Conceição Evaristo¹ como o método de resistência, consciência da negritude e de autonomia pela escrita para a representação da figura negra no Brasil. É neste espaço metafórico de expressão que se pode manifestar o lugar de fala do subalterno e expor as denúncias do racismo estrutural. Ademais, é neste capítulo que se propõe reconhecer a figura de Conceição dentro da militância através da produção literária feminina e afro.

Conforme Bosi (1994) o narrador incorpora ao texto sua experiência e para conservar essa experiência é necessário que a história encontre ouvintes/leitores que possam ressonar o testemunho apresentado. Essa transmissão das experiências do cotidiano é parte da linha argumentativa de Evaristo, haja vista que, a construção do seu discurso é direcionada para que o leitor “ouça” o conjunto de denúncias reveladas pela voz da narradora. Nesse processo de “escrivência”, adentramos na realidade da personagem que transcreve suas condições pelas memórias revividas. É uma trajetória direta para propagar “os gritos e sussurros de uma multidão”, argumentando que não basta ter incorporado personagens com autoria, deve ter incorporado ao texto uma perspectiva singular, particular e coletiva.

Em primeiro momento, reflete-se que esse método de Conceição Evaristo está delineado pela fronteira autobiográfica. No entanto, difere-se da autobiográfica, além da ficcionalização, pelo caráter que esse método de escritura possui uma finalidade fora da neutralidade, longe da retrospectiva e aparte da objetividade. De acordo com Evaristo, “[...] quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escritivência” (EVARISTO, 2011, s/p.)

¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu na zona sul de Belo Horizonte em 1946. Possui ascendência africana e é membro de uma numerosa família. Estuda as relações entre a literatura afro-brasileira e as literaturas africanas de língua portuguesa. Realizou primeira publicação reconhecida na década de 90 com “Cadernos Negros”. (MACHADO, Bárbara Araújo. “Escrivência”: a trajetória de Conceição Evaristo. Disponível em: https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/9129/Sociologia_1e.pdf Acesso em: 04 de março de 2023).

Ou seja, conforme Evaristo (2007), ao escrever sobre uma vivência a escritora não pretende deixar implícito a denúncia, tal como não é objetivo desta escrita o reconhecimento apenas das informações acerca das lutas pessoais, mas o processo criativo para visão direta do leitor sobre a posição de subalternidade de figuras brasileiras estereotipadas e marginalizadas.

Dessa forma, outro aspecto é a consciência do eu-coletivo, da posição de porta-voz, o projeto de identificação com a humanidade e o poder do negro. O movimento dessa escrita, o encontro deste termo, traz em seu trabalho, como afirma Evaristo (2007), a tradução de um ato coletivo condensado por uma autora para o conhecimento, por exemplo, da ancestralidade.

(...) creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitavam nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados, eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. Na origem da minha escrita, ouço gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversa de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez nossa única defesa, o único remédio que possuíamos. (EVARISTO, 2007, p. 19)

Portanto, Conceição Evaristo também reforça essa argumentação com marcas do discurso histórico que perpassa a poética. Em uma declaração biográfica publicada no portal Literafro da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no poema *Vozes mulheres* (2007)², ela aos 44 anos explora a construção literária como ferramenta para construção de um material memorístico onde os traumas da escravidão, os lamentos do navio negreiro, ainda perpassam a mulher afrodescendente e como as “vozes engasgadas na garganta” precisam ser enfim ouvidas. Segundo a escritora, “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO in Ocupação/Itaú Cultural, 2017).

² Poema encontrado em *Cadernos Negros* publicado em 1990 pelo grupo Quilombhoje.

O lugar mulher negra afro descendente marca também, segundo Djamila Ribeiro (2018) em leitura a Spivak (2011)³, uma identidade duplamente subalternizada e marcada pelos mecanismos de opressão ocidental que põe a essa subjetividade um sistema de silenciamento. A hegemonia do pensamento ocidental e patriarcal seria bases históricas para um duplo inviabilizador da existência e do discurso negro.

Esses sujeitos subalternos estão em diferentes pontos de vista discursivos, posto que, reivindicam diferentes existências: “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma” (RIBEIRO, 2018, p. 34). A partir disso, a filósofa brasileira pontua que o sujeito ao concluir o seu discurso desfaz sua condição de subalternidade e não reconhece este rompimento seria a manutenção do poder absoluto ao discurso do colonizador. Assim, ao Conceição Evaristo apresentar sua “escrevivência”, finaliza essa condição total de subalternidade, uma vez que, é uma estratégia de sobrevivência do discurso. Basicamente, quando aqueles que sempre foram autorizados a falar passam a escutar e validar os que estão à margem, bem como há ruptura à representação colonial pela fala do subalterno, é praticada uma interrupção em relação às coordenadas mediadas pela hegemonia.

Outro ponto discursivo está dentro da luta contra a dinâmica editorial marcada por cânones e ideias canonizadas que contribuem para manutenção da divulgação e legitimação da fala masculina/branca. Em 1980, Conceição é incorporada ao grupo Negrícia e no grupo Quilombhoje, comunidade a qual intensificou seus textos e relações com artistas e militantes do movimento na participação do volume 13 dos Cadernos Negros como a mesma afirmou:

“Eu digo que ele é um ritual de passagem pra muitos de nós. [...] O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilombhoje. Tem que ser incorporada. Na área de literatura brasileira como um todo, é o único grupo que [...] tem uma publicação ininterrupta durante 33 anos. [...] Acho que quando surgirem historiadores, críticos que tenham uma visão mais ampla da literatura, vai ser incorporada. Essa é a dívida que a literatura brasileira tem com o grupo Quilombhoje”. (Evaristo, 2010).

³“O sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

Como exemplo à essa luta e resistência dentro do campo editorial encontra-se a publicação de *Olhos d'água*, livro de contos⁴ ao qual está presente o conto Maria, é um produto de recursos provindo do Edital de Apoio à Coedição de Livros de Autores Negros, da Fundação Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura e da Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR).

Outrossim, a produção de *Olhos d'água* é um produto direto à teoria da escrevivência, posto que, trabalha com textos de teor memorístico, identidades diante estereótipos e a ficção como resistência na saída de um confinamento literário. Dalcastagnè (2012) no capítulo Lugar de fala do livro *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*, o “silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que sobrepõe a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrada por produções literárias de seus próprios integrantes” (DALASTAGNÈ, 2012, p.23).

⁴ O livro *Olhos d'água* possui 15 contos com personagens femininos e personagens negros, é publicado no volume 26 dos Cadernos Negros, em 2005. Ademais, encontra-se disponível no site Literafro da Universidade Federal de Minas Gerais.

3. A CONDIÇÃO ESTÁTICA DO CORPO NEGRO NA VIOLENCIA URBANA

A proposta deste capítulo é identificar os aspectos em torno do racismo estrutural em uma análise crítica e social. Bem como, apresentar algumas considerações sobre o existencialismo do corpo negro na contemporaneidade e na esfera da violência urbana compreendendo alguns marcadores/discursos estruturais para esta realidade. A fim de, na leitura ao conto de Conceição Evaristo, entender e contextualizar a posição de sofrimento e brutalidade a qual perpassa a figura da personagem Maria, como também dos assaltantes.

O livro “Racismo Estrutural” de Silvio Luiz de Almeida (2020) traz alguns fundamentos integrados ao colonialismo, ao imperialismo e ao capitalismo sobre como entender a existência do racismo de uma forma mais sistemática e como a prática do preconceito e da discriminação pode ser manifestada tanto de maneira consciente como inconsciente. A partir da manutenção de alguns princípios ocidentais de política eurocêntrica para a inferiorização dos negros no argumento de dominação e exploração de raças.

Conforme Almeida (2020, p. 31), “a Segunda Guerra Mundial e o genocídio perpetrado pela Alemanha nazista reforçaram o fato de que *raça é um elemento essencialmente político*, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico”. Assim, o racismo deve ser estudado com um viés científico sem orientar debates biológicos ou orgânicos, ou seja, apesar da explicação de raça está internamente ligada com características biológicas e geográficas, a determinação e hierarquização de sujeitos foram trabalhadas dentro destas questões para justificar desigualdades existentes.

Por conseguinte, o estudo do racismo deve ser antes de tudo delineado por processos políticos, históricos e econômicos de estratificação social. À exemplo, este teórico amplia essa argumentação com noções que partem da teoria pós-colonial⁵ de “anti biologização” das questões culturais de gênero e de classe, para também questões de raça.

“Uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma

⁵ Retorno a frase celebre de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”

rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos” (ALMEIDA, 2020, p. 53).

Assim, na abordagem do racismo estrutural é centralizada a discussão de maneira interseccionalizada e para além de um sistema individual considerado como uma ideia frágil e limitada para entendimento do complexo racista. Outro ponto é a ausência de argumentação histórica neste sistema. Esse debate também está para além de uma concepção apenas institucional, apesar de, encontrar neste sistema institucional conjuntos de percepções mais racionalizadas ao preconceito e aos estereótipos vividos pelo negro. Uma vez que, que trabalha com os efeitos causados pelo estabelecimento e regulamentação de normas e padrões, “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social” (ALMEIDA, 2018, p. 30). Consequentemente, é fundamental a compreensão pioneira do preconceito nestas duas esferas:

“A politicidade do racismo apresenta-se, basicamente, em duas dimensões:

- a) dimensão institucional: por meio da relação jurídica e extrajurídica, tendo o Estado como centro das relações políticas da sociedade contemporânea. Somente o Estado pode criar meios necessários [...] para que o racismo e a violência sistêmica que ele engendra sejam incorporados às práticas cotidianas;
- b) dimensão ideológica: [...] os “nacionalismos” sempre tiveram as classificações raciais como vetor importantíssimo de controle social. (ALMEIDA, 2020, p. 54-55).

Compreendendo Almeida (2020), o racismo estrutural é uma consequência de uma sociedade normalizada com princípios discriminatórios de raça que permeiam entre a responsabilidade individual e os dispositivos de silenciamento institucionais. Dessa forma, os mecanismos de dominância para discriminar grupos ou pessoas de maneira racial parte de dimensões dentro, essencialmente, do sistema político. Partindo dessa premissa, o cenário de violência urbana é intensificado entre as vítimas do racismo.

Na terceira parte do livro de Almeida (2020) é apresentado dados estatísticos sobre aspectos econômicos – desemprego desigual entre os grupos, a diferença salarial e a divisão da força física e intelectual – que refletem na condição de

desigualdade, integração social, ou seja, na marginalização do negro e no acesso à direitos civis e trabalhistas.

Outra crítica que Almeida (2020, p. 59) expressa é referente a reprodução normalizada e neutra do racismo que reflete no testemunho de casos criminais, como acontece de maneira ficcional com Maria, é na realidade tratado como “piada” ou situação contornada. A condição estática do negro na violência urbana brasileira consiste no quadro enraizado ao qual está desenhado o afrodescendente. Os aspectos sequenciados a escravidão e distanciamento do negro na sociedade a partir de “uma manutenção” dos discursos ocidentais pela dimensão institucional e individual.

3.1. O retrato violento do negro

Em “Pele negra, máscaras brancas” (2008) observa-se, através de uma mirada psicológica do psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon, um complexo estigmatizado em relação ao negro, “é porque o branco chegou, e se, em um dado momento da sua história, ele foi levado a se questionar se era ou não um homem, é que lhe contestavam sua humanidade” (FANON, 2008, p. 94). Há a “formulação” do pensamento de que a construção e a propagação da imagem do homem negro como um indivíduo inferior e, sobretudo, bárbaro é mantida ainda na contemporaneidade com roupagem que se refere ao negro como subalterno e violento.

Por conseguinte, essa posição ideológica é refletida e permealizada também na posição social mediante a versão do negro como bandido/ ladrão, agressivo e descontrolado. Infelizmente, esse discurso é intensificado, haja vista que, se mantem também as consequências do racismo estrutural na ocupação da favela e das zonas de perigo e de criminalidade.

“Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas, - e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros” (FANON, 2008, p. 105-106).

Conforme Fanon (1968) em “Os condenados da terra”, a cor é inseparável ao sujeito e a repetição da alienação cultural provocou ao negro uma assimilação como oprimido. Ou seja, por uma longa passagem temporal o preto acreditava ser o racismo

proveniente de suas características culturais e raciais, tornando periférica uma discussão presente nos resultados mantidos pela longa datação dos discursos ocidentais. Dessa forma, o homem negro não encontrava uma chave para libertar-se das amarras representadas pelos próprios estereótipos enquanto sujeito sem civilização nessa “opressão sistematizada do povo” (FANON, 1968, p. 37) com “justificativas naturais”.

As Escrituras se revelaram insuficientes, o racismo vulgar, primitivo, simplista, pretendia encontrar no biológico a base material da doutrina. Seria fastidioso lembrar os esforços empreendidos nessa altura: forma comparada do crânio, quantidade e configuração dos sulcos do encéfalo, características das camadas celulares do córtex, dimensões das vértebras, aspecto microscópico da epiderme, etc. (FANON, 1980, p. 36)

Com perspectiva em relação a negra: “Você é negra, pobre, mulher, você não é nada” essa frase emblemática dita a Celie – personagem principal do filme “A cor púrpura” sintetiza como as mulheres negras eram vistas no final do século XX nos Estados Unidos e refrate na contemporaneidade. Essa mesma afirmação pode ser manifestada em uma sociedade onde o racismo é institucionalizado, estruturado, e a violência contra a mulher negra é estimulada. Pontos estes traduzidos e denunciados na literatura de Conceição Evaristo.

4. MARIA: UMA METÁFORA AO CICLO DE VIOLÊNCIA QUE PERPASSA O CORPO NEGRO

Como referido nos outros capítulos, o conto analisado é publicado nos *Cadernos Negros* presente na coletânea *Olhos d'água* (2018). Nesse conjunto de narrativas, Maria se mescla junto às outras personagens que vivem à sombra do mesmo passado colonial e suas raízes. A estratégia objetiva de Conceição Evaristo nomear sua personagem de forma tão comum nacionalmente é um caminho direto para o pensamento: “Quantas Marias de trágico desfecho estão na sociedade brasileira?”.

Conforme Dalcastagnè (2010), a literatura contemporânea deve lidar com um protagonismo da voz e da representação feminina por produções autorais de mulheres, haja vista que, o quadro literário estava ocupado ou desempenhado majoritariamente por homens e personagens masculinos, é necessário esse rompimento e essa resistência de nomes como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector. Acredita-se que o acesso à manifestação literária destas mulheres modifica os estereótipos de representatividade, identidade e temáticas que percorrem os cânones nacionais.

Os homens são representados como escritores e comerciantes, quando brancos. Quando negros, sua principal ocupação é a de bandido. Da mesma forma que as donas de casa e artistas são ocupações restritas às brancas. Às mulheres negras, restam as funções de empregadas domésticas e prostitutas (DALCASTAGNÉ, 2010, p.58).

Desde o nome comum dado ao personagem à todas estratégias de escrevivência como uma síntese – “não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18) – constrói na personagem Maria e nos outros personagens secundários a reprodução da marginalização e violência do negro.

Diante da violência contra mulher negra no espaço urbano, o conto é narrado em terceira pessoa com discurso indireto livre, forma de expressar a voz e presença da personagem mediante um relato. Em *Questão de pele*, Ruffato (2012, p. 24) afirma que “o estudo de uma escrita sobre o negro, e/ou do negro, pode nos encaminhar para

perceber melhor as lutas empreendidas pelos sujeitos em busca de afirmações de identidades historicamente subjugadas”.

Na parada do ônibus após o trabalho está Maria em espera e em divagações sobre seu cansaço e a felicidade dos seus três filhos menores de idade que, quando ela chegasse em casa estaria levando os restos de comida oferecidos pela patroa. A personagem devaneia seu pensamento com o melão que carregava, no contentamento de que os filhos nunca haviam comido essa fruta.

Produto de uma subalternização, a personagem mora provavelmente em uma zona carente da cidade, uma vez que, seu trabalho localiza-se em um perímetro longe da residência a qual trabalha, “Se a distância fosse menor, teria ido a pé. O preço da passagem estava aumentando tanto!” (EVARISTO, 2016, p. 40). O narrador continua o testemunho sobre as condições de exploração no trabalho, com danos físicos e psicológicos, a personagem traduz a angústia da trabalhadora doméstica “a palma de uma de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2016, p. 41).

Posteriormente, ao entrar no ônibus a personagem, que pretendia dormir até chegar ao destino, é surpreendida por um reencontro e inquietação por memórias e indagações acerca de sua própria realidade, sua solidão e dificuldades – “Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam de gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino! E haveria de se tornar um homem” (EVARISTO, 2016, p. 42). Encontrando o pai do seu filho, que passa pelo cobrador do transporte público pagando sua passagem e sentando-se ao seu lado, Maria não reflete sobre o abandono deste em relação à família ou a responsabilidade de mãe solo, mas busca compreender a falta de afetividade da mulher negra com os lamentos ao recordar seu passado amoroso.

Após, a narrativa continua com a construção de uma cena de roubo. O seu ex-companheiro levanta-se sacando uma arma com o aviso de assalto. O cenário é descrito com a postura de cada sujeito dentro do ônibus, o motorista continua viagem, o silêncio dos passageiros, os assaltantes e comparsas guardando os objetos pessoais roubados. No entanto, o conflito da personagem e do enredo é contado a partir da sua morte e dos caminhos que levaram o pai de seu filho de 11 anos.

“O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco. Cochichava com Maria as palavras, sem, entretanto, virar para o lado dela. Ela sabia o que o homem dizia. Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro lá atrás gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida” (EVARISTO, 2016, p. 43)

Maria encontra-se inquieta com o possível futuro destinado a seus filhos. A tensão e a crise da personagem recaem na preocupação com o caminho precário das condições de existência da juventude negra no Brasil. A condição paterna do seu filho prenunciava uma condição estática de vulnerabilidade à criminalidade e ao contexto de pobreza urbana da população negra.

Quando os assaltantes desceram do coletivo é narrada a cena final do conto. O olhar sentimental de Maria para o ex-companheiro marca para além de um reconhecimento pessoal, marca a visão dos outros passageiros sobre a sua condição de negritude. Como mulher negra, ela é associada como cúmplice no acontecimento criminal.

Maria olhou saudosa e desesperada para o primeiro. Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: *Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois* (EVARISTO, 2016, p. 43).

O passe-livre para violência contra a negra é narrada de forma quase espontânea e inevitável. A personagem tenta se defender e recebe apoio de um garoto negro, o menino afirma que ela não foi a única a qual os assaltantes não furtaram, e de uma mulher branca a qual reconhece a personagem de outros dias que também vem da luta para sustento dos filhos. Porém, em consequência da imagem da vulnerabilidade feminina e o racismo sublinhado, os passageiros continuam: “*Olha só, a negra ainda é atrevida*, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: *Lincha! Lincha! Lincha!...* Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria” (EVARISTO, 2016, p. 44). Ela é morta, sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos informa a brutalidade simbólica e física do racismo.

Conforme Constância Lima Duarte (2016), todavia o tema do racismo e da violência traçado por uma escrita feminina é pouco explorado. Desse modo, Conceição Evaristo rompe um paradigma trazendo à tona vítimas de barbáries nos centros urbanos brasileiros. Elementos incorporados à materialidade da construção literária como subúrbio, favela, marginalidade e violência com proximidade de vivência são explorados agora dentro da literatura feminina negra com voz e consciência coletiva. Desse modo, identifica-se traços políticos e denunciativos do sujeito afrodescendente no ato de “escrever a existência” com transversalidade ao biográfico e ao comprometimento com vozes passadas.

Ademais, segundo o texto de Duarte (2014), *Marcas da violência no corpo literário de Conceição Evaristo*, a pesquisadora também argumenta que a estratégia de teor poético de “escrevivência” adotada por Evaristo possui “a força de um soco” capaz de testemunhar e denunciar experiências da subalternidade em um projeto de ficção e verdade. O conto de Maria seria a confirmação de coerência “da opção estética da escritora que, mesmo em cenas de extrema degradação humana não perde o equilíbrio entre a sugestão de estados líricos e a intenção documental”. (2014, p. 190).

Portanto, na expressão literária pelo processo de escrevivência, Conceição Evaristo traz a trabalhadora, negra, mãe e pobre Maria, personagem comum nas ruas e zonas marginais brasileiras. A voz de Maria atrela-se a voz da escritora e da mulher afrodescendente que sensivelmente tem sua trajetória em um ciclo de violência preso com estacas do racismo. A morte e o corpo de Maria dilacerado e pisoteado como objeto de esquecimento.

Tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (EVARISTO, 2016, p. 44)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na linha de pesquisa da literatura feminina brasileira verifica-se na contemporaneidade o nome de Conceição Evaristo pelo poder emblemático dentro da luta e da resistência negra. Como escritora literária e como teórica, a figura de Evaristo junto com suas ideias e denúncias poéticas devem ser debatidas. É nesta perspectiva, que o trabalho abordou o termo *escrevivência* enquanto transferência ou processo de uma “metodologia estética” para vozejar sujeitos silenciados pela subalternidade. Conforme Martins (2007, p. 169), “emergem as vias e veredas engenhosas pelas quais a voz e a grafia afro-brasileiras insistentemente inscrevem a memória desse saber e dessa experiência, estética e ontológica, nos repertórios da cultura e da literatura”.

Considera-se também que uma metáfora ao traço racial se apresenta o ritornelo, marcação a qual indica a repetição de um compasso musical, ainda que a canção prossiga e se altere, quando verificado este símbolo repete-se o trecho da partitura. O negro, como expressado na fundamentação teórica, possui uma condição estática marcada pela sua cor, ainda que haja mudanças temporais, constitucionais e sociais, quando observada sua cor repete-se as propriedades de um lugar limitado. Desse modo, estudar e apresentar os textos de Evaristo seria nas palavras de Florentina Souza e Maria Nazaré Lima, organizadoras da obra *Literatura Afro-brasileira*:

Essas discussões são importantes para que possamos compreender os mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade. Por exemplo, quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país (SOUZA; LIMA, 2006, p.4)

Por fim, a leitura interpretativa ao conto *Maria* revela o contexto que se encontra o corpo negro e a mulher afrodescendente na sociedade de cultura violenta. A protagonista perpassa diferentes simbologias: a empregada doméstica em trabalho

análogo à escravidão, o sofrimento pela desvalorização do corpo negro, a sexualização da mulher na reprodução e nas relações afetivas, a maternidade solitária, a marginalização nas condições e direitos sociais, a criminalidade sofrida, a pobreza, etc.

Pressupõe-se então, a necessidade analítica de destaque e reconhecimento dessa literatura para entendimento da violência e do preconceito racial que ultrapassa e é traduzido na ficção da realidade brasileira contemporânea. Diante do exposto, releva-se também a sensibilidade e conscientização do leitor enquanto sujeito social e crítico.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DALCASTAGNE, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. In: **O eixo e a roda**, v. 15, 2007.

_____. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da UERJ, Horizonte, 2012.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário de Conceição Evaristo. In: OLIVEIRA, Marinize P.; PEREIRA, Maurício M. S.P.; CARRASCOSA, Denise (Org.). **Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo sul-sul**. Salvador: EDUFBA, 2014.

EVARISTO, Conceição. **“Escrevivência” introdução à publicação da antologia literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**, 2011.

_____. *Depoimento*. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2023.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Pele negra máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MARTINS, Leda, A fina estampa da palavra. In: **O eixo e a roda**, v.15, 2007. Disponível em: Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em: 29 de Mar./2023.

OCUPAÇÃO Conceição Evaristo. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento609323/ocupacao-conceicao-evaristo>. Acesso em: 20 de maio. 2023. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RUFFATO, Luiz (Org.). **Questão de pele**. Rio de Janeiro: Lingua Geral, 2012

SOUZA, Florentina; LIMA, Maria nazaré (Org.) **Literatura afro - brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro - Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.